

A interpretação natural¹

Sandra Augusta de Melo Neves²
Universidade Federal de Uberlândia

A interpretação pode ser reconhecida como uma forma natural de comunicação do ser humano presente nos inter-relacionamentos pessoais. Neste artigo, propõe-se uma reflexão acerca da principal forma de intervenção das abordagens clínicas de base analítica, partindo-se de sua análise enquanto técnica psicoterápica e de seu reconhecimento no dia-a-dia de cada um. Pretende-se que uma nova visão acerca deste recurso técnico possa auxiliar aqueles que se iniciam como profissionais clínicos, assim como àqueles cuja tarefa é ensinar os novos clínicos, além de lançar alguns questionamentos sobre as relações de poder dentro da relação terapêutica.

Palavras-chave: Interpretação, psicologia clínica, psicoterapia

Abstract

The natural interpretation

The interpretation can be recognized as a natural manner of communication between human beings, that exist in personal relationship. That article intends one reflection about the most important intervention of analytical clinical approach, starting from its analyses as a psychotherapeutic technique and its acknowledgment in the daily life of each one. Intends to propose a new vision of that technical resource, as an aid for whom that begins as professional clinicians, and those who teach them too, and also to arise some questions about the power relationships in clinical set.

Key words: Interpretation; clinical psychology; psychotherapy.

Perde-se muito ao desconsiderar fatos cotidianos; em não dispensar às coisas do dia-a-dia uma atenção que possa conceder-lhes a oportunidade de mostrar sua importância e a utilidade de uma maior compreensão sobre eles. Alguns, entretanto, conseguem utilizar-se destes fatos comuns para novas construções ou descobertas.

Embora seja conhecido todo o viés presente na obra de Freud decorrente de suas características de personalidade, fantasias e complexos, pode-se considerá-lo um bom exemplo disto: ao leitor é fácil perceber com sua produção é salpicada de elementos obtidos a partir de suas próprias vivências e observações cotidianas. Isto torna-se evidente pelo fato de ali encontrarmos sempre uma ocorrência comum

da vida diária na exemplificação e defesa de seus pontos de vista.

Ao que parece, foi assim que Freud pôde, através do exercício de pensar o cotidiano, aproximar, tanto quanto possível, o discurso teórico da Psicanálise nascente de uma compreensão mais próxima da experiência pessoal de seus leitores. Pôde, assim, transformar conceitos e levantar questionamentos entre a classe média da época e ao mesmo tempo introduzir na cultura idéias revolucionárias; as quais hoje se nos apresentam como parte integrante do pensamento do homem contemporâneo. A partir disto, pode-se imaginar o quanto a Psicanálise deve seu alcance atual, não só em termos científicos, mas principalmente como formas de pensar incorporadas pela cultura, à maneira como seu fundador foi capaz de apresentá-la ao mundo como um despertar, como o descobrimento de conteúdos e formas, funcionamento e funções presentes, mas inconfessáveis e inadmissíveis

1 A redação deste artigo contou com a supervisão da Prof^a Dr^a Maria Emília Lino da Silva.

2 Mestranda da PUCCAMP e Bolsista da CAPES.

Endereço para correspondência: Rua Tahiti, 109, Jardim Nosso Recanto - CEP 38400-246, Uberlândia/MG.

para as mentes da sociedade e época em que viveu.

Neste artigo, pretende-se levantar a questão de que, assim como tantos outros conceitos da Psicanálise passaram despercebidos, embora presentes, até que sobre eles tenha-se lançado luz, a principal forma de intervenção psicoterápica em abordagens psicodinâmicas - a interpretação - também pode ser identificada ou reconhecida como uma forma de comunicação presente nos relacionamentos humanos. Sob este ponto de vista acerca da natureza da interpretação, poder-se-á pensar esta forma de intervenção como algo mais próximo da experiência de cada um. Uma nova forma de assimilação é trazida, assim, àqueles que se iniciam em atividades de atendimento psicoterápico psicodinâmico e ao ensino da clínica, como um novo dado para se repensar a questão do reconhecimento do saber e do poder dentro da relação terapêutica.

Na prática da psicoterapia, cedo aprende-se sobre a importância de nosso principal instrumento de trabalho - nossa própria mente, nossa personalidade, ou se preferirmos, nossa alma. Não é por acaso que, no início da atividade profissional, o clínico quase sempre encontra alguém para alertá-lo de que, para ser psicoterapeuta, do que mais precisa está em si mesmo. Muitos ouvem esta frase, muitos a repetem quando o tempo mostra sua verdade e se pode perceber que a escuta do próprio desejo de ser clínico e o auto-conhecimento são os principais motores para a efetivação da escolha profissional.

Figueira (1992, p.288) fala sobre o preconceito que quer fazer crer que "razão" se opõe a "emoção" e que "bons clínicos sentem e tem intuições", enquanto que os teóricos seriam "arrogantes e distanciados da experiência clínica". Ali defende, com o respaldo de Bion, a necessidade de se articular "o pensamento rigoroso e a sensibilidade clínica". Parece claro, ali, que não se pode conhecer uma mente se não se for uma

mente e não se puder pensar e sentir este contato.

Sobre esta questão, pode-se perceber sua proximidade com aquilo que Freud (1912) parece buscar quando propõe que o clínico abandone-se à "memória inconsciente" (p. 150) através da atenção flutuante, buscando uma sintonia com o que se quer desvendar do paciente, para que seja possível uma compreensão e apreensão pelo analista daquilo que não vem explícito no discurso. Freud recomenda e fala sobre uma forma de estar-se apto a captar seu objeto de investigação, objeto cuja lógica, tempo e espaço são possibilidades imprevisíveis, tornando a consciência - ávida por lógica e certezas, pela acomodação do novo a velhos esquemas - incompetente, por si só, para receptor a virtualidade do inconsciente.

Graças aos processos secundários, porém, tornando-nos seres comunicantes, racionais, podendo usar do raciocínio para pensar sobre o procedimento em questão. Isso, talvez, possa nos levar próximo à questão almejada, fazendo o caminho inverso ao que torna a interpretação dentro da prática clínica e procurando chegar ao entendimento da interpretação natural.

Na prática clínica...

Se uma interpretação ou a comunicação de uma idéia reprimida for realizada sem que haja aproximação prévia de seu conteúdo, feita pelo próprio sujeito, ela passa a existir em duas instâncias, ou seja, continua no inconsciente e tem uma nova representação mental em forma de memória auditiva consciente. Neste caso, pode-se pensar que o psicoterapeuta que interviu de forma precoce e infecunda, não chegou a um nível de sintonia tal em que pudesse perceber o momento em que se encontrava seu paciente.

Pode-se também imaginar que esta interpretação só foi elaborada pelo terapeuta em um nível intelectual, sem que houvesse uma harmonia ou reciprocidade na percepção de ambos

quanto à proximidade ou distância em que se encontravam das fronteiras resistenciais ou da possibilidade de se promover a ruptura de campo de que fala Herrmann (1988). Ora, parece muito similar a situação do psicoterapeuta e a de seu cliente. Daquele que emite uma idéia sobre fatos inconscientes que o outro não está pronto para receber, e deste, agora possuidor de uma lembrança auditiva da idéia. Nada além de um raciocínio em ambos.

Por sua vez, a interpretação capaz de ..."acrescentar algo à compreensão da expressão original", capaz de ..."compreender reformulando ou reexprimindo sob nova forma", mostra-se pelas próprias palavras utilizadas por Meyer (1988, p. 40), como uma produção sintônica e portanto possível de ser chamada intersubjetiva. Ou seja, uma edição simultânea, por duas subjetividades, da compreensão de um mesmo fato psíquico, onde há uma sintonia tal que as capacita entender um fato único por representações diferentes, de forma que, uma vez comunicada a produção do terapeuta, o paciente seja capaz de identificar tratar-se da mesma idéia, muito embora a representação do outro lhe seja estranha.

É evidente, tanto no terapeuta como no paciente, nesta segunda forma de intervenção, um salto qualitativo, uma mudança de modo de operação. Para o terapeuta há uma aquisição de compreensão para além do raciocínio; para o paciente, o conteúdo inconsciente torna-se consciente; para o processo terapêutico há um caminho pelo rompimento da resistência, ainda que outras venham a surgir, e virão. Talvez possa-se dizer que, neste caso, não só o paciente, mas também o terapeuta tem um *insight*.

Muito freqüentemente, porém, o entendimento racional das ocorrências mentais da vida do inconsciente de um paciente não é acompanhado por uma compreensão adquirida intersubjetivamente. Neste caso, sendo ou não comunicado este entendimento, resta confiar no retorno do recalado, ou na força inegável do inconsciente e na capacidade de elaboração do

outro. Posto que, em uma relação psicoterapêutica, o entendimento do qual aqui se fala é a formulação de uma hipótese que só poderá ser comprovada pelo paciente na seqüência do processo, sabe-se que a negação não significa necessariamente a inverosimilhança da formulação; ela pode significar a ausência de um quantum de sintonia, de intersubjetividade necessária que transforma qualitativamente a idéia tornando-a partilhável.

A presente proposta, todavia, consiste em incitar o raciocínio para buscar a compreensão ou, no mínimo, o reconhecimento de situações onde ocorre justamente o reverso do que vem-se discutindo acerca da interpretação na situação terapêutica. Este reverso constitui-se na existência de "brechas" onde a compreensão torna-se possível e a sintonia evidente sem que haja intenção terapêutica ou prerrogativa teórica, mas, na maioria das vezes, simplesmente uma interação dentro de uma relação próxima. Em ocorrências deste tipo, presentes em nosso dia-a-dia, há uma sintonia espontânea que possibilita a pessoas que convivem, fortuitamente, terem a percepção de idéias ou desejos dos quais o outro não se deu conta e, a partir desta percepção, comunicá-la ao seu sujeito de forma a "traduzir, ajuizar da intenção, do sentido", conforme consta a própria definição etiológica da palavra Interpretar (Cunha, 1982).

No cotidiano...

A identificação das interpretações, enquanto tal, na comunicação entre as pessoas, é aparentemente mais difícil de ser feita. Não porque ocorram com pouca freqüência, mas porque passam despercebidas, principalmente ao leigo, porque lhe seria difícil nominar ou identificar um fato sobre o qual nunca foi necessário pensar, mas também ao clínico, por localizar na relação terapêutica a possibilidade de compreensão intersubjetiva, atribuindo-lhe intencionalidade. Para um, a ação natural fora de seu local habitual

talvez fique imperceptível, para outro, ela passa como uma forma natural, normal, de comunicação.

Em nossas relações mais próximas podemos perceber que, em determinados momentos, o outro verbaliza coisas a nosso respeito, das quais nós não havíamos nos dado conta. Tratam-se de interpretações, já que o sentido etimológico da palavra está em consonância com o sentido que tem para a teoria. Estes momentos, muitas vezes seguidos de reações defensivas e contaminadas por aspectos próprios dos relacionamentos, são identificáveis pelo fato de que a fala do outro se impregna em nós e retorna, faz pensar e proporciona novos *insights*.

O fato pode ser exemplificado com este diálogo entre mãe e filha de cinco anos e meio, em um verão, durante um passeio à praia:

Mãe: - A Flávia esta ficando loirinha com o sol...

Bia: - A Flávia vai ficar loira, mamãe?

- Não sei Bia, os cabelos costumam escurecer quando a gente cresce.

- E eu? Vou ficar loira?

- Eu acho que seu cabelo vai ficar como o meu, porque quando eu era pequena meu cabelo era assim, igual ao seu, depois mudou.

- Mãe... Isso, é o que você quer.

A mãe é traída, então, pelo riso que lhe vem inadvertidamente.

O fato de que as crianças são capazes de perceber coisas muito além de que os adultos é conhecido até no domínio popular. Para nós clínicos e, ainda mais pelos clínicos de crianças, é sabida da sua facilidade de captar os desejos dos pais dos quais eles próprios, muitas vezes, não estão conscientes. Esta capacidade parece estar relacionada ao funcionamento mental menos elaborado ou menos forjado pelos procesos secundários, que nos adultos já estão muito mais sedimentados. O fato é que, diante de suas percepções, as crianças reagem de forma incompreensível aos adultos, que sequer se dão conta

da natureza de seus próprios desejos, quanto mais das reações a eles que as crianças exprimem de formas as mais variadas.

Pode-se pensar que, não fosse a capacidade de verbalização das crianças inversamente proporcional à pureza e acuidade com que captam as mentes dos adultos, ter-se-ia através delas a revelação de muito do que não nos permitimos saber.

Com o nosso desenvolvimento, parece que são recalçados não só nossos próprios instintos e desejos, mas também diminuída nossa capacidade de perceber os do outros; nossa sintonia natural que permite perceber a mente do outro. Pode-se pensar no caráter defensivo desta mudança, em seu papel de proteção para a formação de uma identidade, para a individuação. Não é objetivo, aqui, determo-nos nesta questão, senão apontá-la para se possa remeter à presença desta capacidade ou da ocorrência de episódios entre os adultos onde a percepção de conteúdos inconscientes do outro é evidente.

Na vida adulta, os episódios onde a interpretação está presente como uma forma de comunicação também são perfeitamente identificáveis, desde que se esteja atento a percebê-los, porque de outra forma, com certeza passarão despercebidos uma vez que compõem o repertório de comunicação de quaisquer e de todas as pessoas.

Nos relacionamentos mais íntimos onde as projeções são mais massivas, há uma complementaridade entre as formas de manifestação do inconsciente e, portanto, as reações são mais defensivas. Mesmo nestes casos, porém, é possível, principalmente ao receptor, reconhecer comunicações do tipo interpretação. As possibilidades são muitas, mas de forma geral, independente da reação imediata daquele que foi interpretado, a comunicação recebida permanece incomodamente impregnada na memória consciente, até que se passa a experimentar o que se pode chamar de uma aquisição da convicção da verdade aliada a uma espécie de

surpresa da fruição estética, sensações que, segundo Nosek (1988), acompanham o *insight*. Por vezes, inclusive, estes episódios são seguidos de sentimentos de raiva pela invasão sentida diante da revelação de significados íntimos, feita pelo outro.

Por interpretação, entende-se a comunicação feita ao sujeito, capaz de oferecer-lhe a possibilidade de acesso a um sentido diverso daquele por ele dado a seu próprio discurso naquele momento; o sentido latente das palavras e dos comportamentos de um sujeito (Laplanche e Pontalis, 1967). Sentido este que, a exemplo dos significados dos sonhos (Freud, 1916, p.126), o sujeito "apenas não sabe que sabe, e, por esse motivo, pensa que não sabe".

No entanto, entender a interpretação sob o ponto de vista de que ela é natural e inerente à comunicação humana não se constitui na defesa de uma visão simplista do assunto e muito menos na aceitação de seu uso *selvagem*. Este entendimento vem, outrossim, fomentar a idéia de que o requisito básico, cerne da técnica em questão, é obtido pelo uso de um recurso presente nos interrelacionamentos e não por uma criação ou artificialismo das abordagens psicoterápicas psicodinâmicas, de base analítica ou interpretativas.

Quanto à interpretação selvagem, alguns comentários se fazem necessários, a fim de não pairarem dúvidas sobre o enfoque aqui utilizado acerca da interpretação natural. Em primeiro lugar, fica claro que a interpretação selvagem é propriedade de pessoas que detêm conhecimento teórico sobre Psicanálise e, portanto, mais susceptíveis ao uso puramente racional da mesma. Em segundo lugar, pode-se perceber que tais pessoas utilizam-na de um forma defensiva, evitando assim contato realmente próximo com outras pelas quais, talvez, sente-se ameaçada. Esta é uma prática bastante comum em meios acadêmicos ou onde há uma maior concentração de profissionais da área, e já aparecia no primeiro grupo de psicanalistas que se reunia

periodicamente nas quartas-feiras de Viena e, lá mesmo, precisou ser entendida em suas funções de evitação e de exercício de sentimentos pouco aceitos como a inveja, por exemplo (Gay, 1988).

Certamente não é de nada próximo à interpretação selvagem que aqui se trata. Fala-se, ao contrário, sobre a interpretação presente na vida de cada um, como forma de comunicar sentidos até então ocultos, assim como de seu resgate e transformação em uma habilidade que permita compreender o outro e que, com o conhecimento teórico e técnico que se vem adquirindo, pode-se moldar ou emoldurar como um instrumento nas práticas psicoterápicas de base analítica. Neste espaço, a interpretação adquire um *status* diferenciado pela compreensão que o terapeuta supostamente detém acerca de particularidades de seu paciente, e conseqüentemente de como melhor abordar certos temas mas, principalmente, por estar atento aos fenômenos tranferenciais e contratransferenciais presentes, coisa que nos relacionamentos cotidianos não ocorre.

... e finalmente ...

Nesta busca de *olhar de novo*, percebe-se que o que ficou conhecido como um recurso técnico das psicoterapias analíticas precede à própria Psicanálise tendo sido por ela "resgatado" e consubstanciado para se constituir em um instrumento terapêutico.

Resistências a esta maneira de pensar a interpretação são previstas. No entanto, tal resistência pode ser compreendida como uma dificuldade de abrir mão de uma visão mística da interpretação ou em admitir que aquilo que se pensa ser privilégio do terapeuta e não raro o apraz com certo sentimento onipotente, nada mais é do que um recurso legítimo de todo ser humano que, na prática clínica, torna-se diferenciado por encontrar-se em um espaço singular no qual tem a prerrogativa de valer-se de conhecimentos teóricos e técnicos, já acumulados, que

a fomentam potencializando seus valores terapêuticos.

Dessa maneira, a interpretação pode então ser vista como uma forma natural de comunicação, não de domínio exclusivo da relação que se estabelece por um par analítico ou entre terapeuta e grupo ou em qualquer espaço delimitado e chamado clínico, mas antes que pode ocorrer entre quaisquer pessoas desde que haja aí algumas condições das quais, por ora, não podemos senão nos aproximar.

Se pudermos pensar na capacidade de percepção das crianças (que fomos e de alguma forma ainda somos), na pertinência da interpretação como forma de comunicação em nosso cotidiano e em todas as recomendações técnicas que vem sendo acumuladas pelos clínicos que registram suas experiências e generosamente nos oferecem acesso a elas, poderemos perceber-nos como intimamente ligados ao que fazemos e tornar a prática do ensino da clínica interpretativa tão mais natural quanto responsável.

Vindo de encontro à crítica tecida por Figueira (1988, p.20) de que "estamos às vezes sutilmente concentrando poder nas mãos do analista que *sabe* ou *pode saber*, esquecendo o saber do analisando e sua capacidade de gerar conhecimento legítimo", a defesa de uma visão "ecológica" sobre a interpretação poderia minimizar esta questão tão delicada, porque ideologicamente contaminada, e permitir que o ato de interpretar possa ser encarado como um ato natural desprovido de qualquer "aura mística" ou atuação onipotente, muito embora se queira crer que estas formas constituam as exceções.

Referências

- CUNHA, A.G. (1982) **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FIGUEIRA, S.A. (1992) Algumas observações sobre o status da teoria psicanalítica na obra de Bion e suas conseqüências para a prática clínica. **PSI: O Pensamento de W.R.Bion**. 26(3): 185-300.
- _____ (1988) O problemático prestígio da interpretação. **Ide** - Publicação da SBPSP n. 16: 19-23
- FREUD, S. (1912) Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. **S.E.** vol. XII p. 149-159.
- _____ (1916) Conferências Introdutórias sobre Psicanálise - Parte II. **S.E.** vol. XV p. 105-138.
- GAY, P. (1988) **Freud: uma vida para nosso tempo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia de Letras, 1989.
- HERRMANN, F. (1988) Interpretação: A invariância do método nas várias teorias e práticas clínicas; in: Figueira, S.A. (org.) **Interpretação: Sobre o método da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.B. (1967) **Vocabulário da Psicanálise**. Trad. Pedro Tamem. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MEYER, L. (1988) O método. **Correio da Fepal**. 37-51.
- NOSEK, L. (1988) Algumas reflexões sobre o objeto e a prática da psicanálise. **Ide** - Publicação da SBPSP, n.15: 17-20.